

O brincar e a teatralidade no contexto da educação infantil: uma proposta pedagógica

Anaquel Mattos da Fonseca¹

Submetido em: 27/02/2021

Aprovado em: 20/04/2021

DOI: 10.5965/2358092525252021108

1. Mestre pelo Programa Mestrado Profissional em Artes (Prof-Artes) da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Professora da Secretaria de Educação do Estado de Santa Catarina. E-mail: anaquelmfonseca@hotmail.com.

RESUMO

O presente ensaio discorre sobre a educação e a arte e os intentos artísticos em relação à educação infantil. Narra-se as dificuldades de uma professora ao se aventurar em uma proposta artística com crianças da educação infantil e também os processos emancipatórios dos quais emergiram uma nova visão sobre a arte e sobre as crianças. O ensaio demonstra a importância de se ter um “objeto comum” entre a professora e as crianças, no caso, a brincadeira. Demonstra também a importância de se trabalhar de forma lúdica o teatro, apresentando um caminho para a teatralidade. Ademais, a trilha do brincar é ilustrada pelas imagens do artista plástico Dim Brinquedim. O texto faz um diálogo entre a leitura e a reflexão teórica com a vivência de uma professora de escola pública, onde destaca suas particularidades: acontecimentos, anseios, sonhos e sensações que a escola e a arte proporcionam.

Palavras-chave: educação infantil, brincar, teatralidade.

ABSTRACT

This essay discusses education and art, artistic intentions in relation to early childhood education. A teacher's difficulties in venturing into an artistic proposal with children in early childhood education are narrated, as well as the emancipatory processes from which a new vision of art and children emerged. The essay demonstrates the importance of having a “common object” between the teacher and the children, in this case, play. It also demonstrates the importance of working in a playful way in the theater, presenting a path to theatricality. In addition, the play trail is illustrated by images by the artist Dim Brinquedim. The text makes a dialogue between reading and theoretical reflection with the experience of a public-school teacher, where she highlights her particularities: events, desires, dreams and sensations that school and art provide.

Keywords: Childhood Education, playing, theatricality.

INTRODUÇÃO

Os saltos, cambalhotas, gritos e risos preenchem o espaço da sala de aula. As cores e os sons daquele mundo infantil tornaram-se intimidadores para a professora. Apresentar a arte de forma genuína, em sua convicção, seria oportunizar vivências por meio dos processos artísticos, paixão que cultivava desde a tenra idade. O que mais lhe intrigava, quando aluna, era o fato cotidiano de suas aulas de arte se resumirem a “desenhos livres”, pois a arte nunca ocupara um lugar de apreço no ambiente educacional. Foi neste contexto de paixão, curiosidade e convicção que ela optou por estudar arte e enfim poder proporcionar às suas futuras alunas o que não lhe fora oportunizado no ambiente escolar.

A professora, utópica e idealista, parte da premissa de oportunizar a suas alunas experiências artísticas. O seu objetivo é apresentar um leque de possibilidades de expressões e construir uma ponte entre a sala de aula e o mundo artístico. No entanto, é um desafio na realidade das escolas públicas que, de um modo geral, são estruturalmente precárias. Era essa situação que a instigava a realizar proposições, que são um convite, por parte da professora, à criação de práticas artísticas que buscam produzir sentidos nas crianças. “Somos também propositores quando lançamos nossos aprendizes na criação, na produção de sentidos, no enfrentamento do não saber...” (MARTINS, 2011, p. 314).

Os primeiros contatos da professora com as alunas do ensino fundamental II e médio foram desafiadores. Elas não estavam interessadas nas experiências que o mundo artístico poderia lhes propiciar, nem nas proposições da professora. Estavam sobrecarregadas com os problemas familiares, amorosos, etc. Assim, o desafio de tornar as aulas mais atrativas tornou-se um estímulo para ela.

O seu ideário da arte e da educação aos poucos foi tomando forma, sem um modelo exato, afinal, cada aluna é singular, assim como cada turma e cada escola. É nos passos diários que se faz o caminho, nas experiências promovidas e vivenciadas.

Pequenas mudanças começaram a acontecer na relação das alunas com a arte, assim como entre a professora e as turmas. Os fluxos dessas mudanças processuais traziam a sensação de que as proposições e as mediações artísticas realizadas haviam encontrado um espaço no ambiente escolar.

Porém, a estrada de uma educadora tem seus percalços, e não foi diferente para a professora. Até o presente momento, suas experiências foram desafiadoras, mas animadoras. Mas a trajetória profissional reservava a ela uma nova etapa, com mudanças significativas. A principal ocorreu em relação à faixa etária de suas alunas, pois as do ensino fundamental II e ensino médio ficaram para trás, dando lugar às novas, desconhecidas e agitadas crianças da educação infantil.

Este “novo mundo”, que era visto apenas de longe por ela, passara a ser seu novo ambiente de proposições artísticas, que ao contrário de antes, não era nada animador. Para as crianças nenhum dos artistas ou das propostas apresentadas fazia sentido. O que elas queriam era brincar, se aventurar no mundo mágico da imaginação. A professora propositora passou a ser uma espectadora acuada, que não conseguia vislumbrar possibilidades de propor experiências artísticas àquelas crianças, um quadro desanimador.

Ao refletir sobre alguns conceitos, a professora notou que a experiência estética dá sentido àquilo que não se sabe, e que continua a não saber, torna-se então um “não-saber” experimentado. Porém, a experiência traz significados a esses “não-saberes”. O “não-saber” pairava sobre a professora e a pergunta de como dar sentido a esse “não-saber” a assolava.

Um dia, uma pedagoga lhe disse: “o tempo dos pequenos é diferente, a escola está errada, nós estamos errados, a criança precisa de tempo e espaço para brincar, lembre-se: criança aprende e ensina brincando”. Naquele momento, ela não conseguia vislumbrar conexões deste “não-saber” experimentado entre a arte e as crianças. Era necessário direcionar o olhar e rever conceitos. Contudo, os seus ideais de ensino não estabeleciam pontes com as crianças. O que lhe restava então era admitir que elas eram as autoras daquela história e ela (a professora) uma espectadora.

A postura de espectadora não significava que ela não participaria daquele processo, pois o espectador é, também, parte da obra. Algumas experiências e teorias do teatro contemporâneo trazem características de que o espectador e os atores, juntos, constroem uma experiência real com a obra, que pode se tornar um trabalho em processo, uma criação coletiva, que está em um contínuo movimento. A experiência da teatralidade contemporânea e a educação só encontram sentido se forem compartilhadas e nessa partilha, a força, a presença, a intensidade e o significado são muito mais importantes do que a ação de repassar uma informação.

O novo lugar que a professora passou a ocupar fez com que ela observasse novas perspectivas. A arte pode ser sentida de várias maneiras, então porque não ser trabalhada de diversas formas? O desafio era achar algo em comum entre ela, as crianças e a arte.

UM NOVO OLHAR

O tecido marrom cobria-lhe o corpo, uma nuvem verde a cabeça e o barulho que se agigantava quando todos os olhares pareciam se voltar para si. Aos seus olhos alguns colegas estavam eufóricos, saltitantes, sorrindo e acenando para todos que ali estavam. Outros estavam estagnados assim como ela. E talvez só o que ela conseguia lembrar era das palavras proferidas por uma professora, antes de subir ao palco: “Faça como ensaiamos, certinho e bonitinho”. Parece que nada daquilo fazia sentido, nem a roupa que vestia, nem a história que estava representando. Mas afinal era só mais um dia de “teatro” na escola, e tudo o que ela possivelmente pensava era: “quando isso vai acabar?”

Isto se repetia em cada data comemorativa, quando realizavam trabalhos teatrais na escola junto à educação infantil. A professora, em seu novo “posto” de espectadora, percebeu de longe a reação da criança, e estendeu o seu olhar às demais. Foi então que percebeu que o contato entre a arte teatral e as crianças da educação infantil era “tudo”, menos um momento de experiência artís-

tica. Posteriormente, quando se comentava em fazer “teatro” em novas oportunidades, a repulsa era imensa. A primeira frase que se escutava da turma era: “eu não serei a árvore”.

Foi então que ela se propôs a trazer outra perspectiva dessa arte, desconstruindo a ideia de trabalhar “teatro” (na educação infantil) condicionado a ensaios maçantes para apresentações em datas comemorativas. Para isto, antes de pensar em proposições artísticas, era necessário ir ao encontro da criança que ali estava e, compreender seu ponto de vista, seu espaço e seu tempo, sua maneira pulsante de ser e viver no mundo. Como aponta Bachelard (1999), existe dentro de todos, uma “criança cósmica”, aquela que vive seus devaneios, mas se conecta com o mundo.

A professora precisou se redescobrir e se reinventar, mas o caminho já não era solitário, era construído em parceria com as crianças. Isto possibilitou que ela fosse ao encontro de sua própria criança. Nesse encontro, ela notou que a menina espolada de cabelos encaracolados, sempre soltos ao vento, vibrante a cada pulo de suas peripécias, não se fazia presente na professora que tinha se tornado. Essa infância nunca a deixou, apenas estava adormecida em si, por conta de seus afazeres diários. “Assim, como fogo esquecido, uma infância sempre pode acender-se novamente dentro de nós” (BACHELARD, 1999, p. 74). Foi necessário ir em busca dessa criança perdida, para poder se conectar com suas alunas.

A partir do despertar dessa criança, a professora continuou seus passos rumo ao seu ideário de arte e educação. Assim, percebeu que encontrou não apenas a sua menina, mas também uma outra face sua de educadora, que precisaria variar suas ações e ir além de lançar proposições para suas crianças. Ela encontra, então, o conceito de agachamento, definido como: “agachar-se é ir ao chão, onde a criança está” (MARCONDES, 2015, p. 55). E ela se propôs ao ato performativo de se agachar, momento em que se coloca à disposição de ir ao encontro das crianças. Ao se dispor, emergiu um “objeto comum”, o brincar. Essa ação vinculou as crianças, a arte e a professora e já era apresentada pelas crianças desde o primeiro encontro.

Todavia, em sua pedagogia limitada, a professora não conseguiu perceber, no primeiro momento, que o brincar é um território que possibilita o surgimento de experiências artísticas e pode se tornar um território de experimentação.

BRINCAR, UM CAMINHO PARA A TEATRALIDADE

O caminho do brincar é repleto de imaginação, o que possibilita a aventura de criar diversos modos de fazê-lo. Piorski (2016) apresenta o brincar encarado enquanto uma interação com o ambiente através da água, ar, fogo e chão. Segundo o autor, o brincar com a água é o momento que a imaginação é inundada; com o ar, é onde ela pode ser subjetiva e volátil; já o brincar com o chão é uma forma de estar inserido no mundo e; com o fogo, é o modo com que se tem contato com o corpo tátil, promovendo um enraizamento.

A compressão do brincar como algo criador de laços fez com que a professora promovesse com as crianças um espaço poético para o ato de brincar. Ao observá-las brincando, ela pôde perceber a potência da experiência e criação artística que existe neste momento. Percebeu ainda que poderia possibilitar uma interface do brincar com a teatralidade². Observou que toda criança é capaz de brincar sem um brinquedo específico, pois sua imaginação faz com que ela transforme qualquer coisa em brinquedo.

Foi então que, em uma das suas buscas, ela encontrou uma grande inspiração para que este ato pudesse ganhar tempo e espaço no cotidiano escolar das crianças, a produção artística de Dim Brinquedim³. A produção artística dele desafiou

2. A teatralidade aqui é compreendida no conceito de Marina Marcondes Machado: "Trabalhar teatralidades será definir teatro como "ação de ver": pensar com o corpo, lapidar de modo brincante a voz, a máscara, gesto, palavra e detalhes cotidianos e aproximar-se a algo próprio da cultura da infância" (MACHADO, 2012, p. 17).

3. Antônio Jader Pereira dos Santos, o Dim Brinquedim, é um artista plástico cearense. Pode-se dizer que eterniza o brincante que vive em sua alma. Foi suas vivências de menino e sua curiosidade por moldar materiais que o formaram artista. Ele faz de todas as suas experiências um processo de criação, de modo que toda a sua trajetória está incorporada a sua produção. A brincadeira nunca saiu de seu caminho, pois ele nunca deixou de brincar,

a professora a resgatar o tempo e o espaço para o brincar em suas aulas de arte.

O cotidiano da sala de aula é feito de erros e acertos, algo típico para alguém que é uma pessoa “da prática”, como a professora. Esta realidade provocou a vontade de mudança e o não conformismo para com as barreiras presentes na escola pública — falta de estrutura, fluxo acelerado de ensino e a imposição de produção.

O impasse entre a educação infantil e o trabalho teatral, que era um problema na comunidade escolar, encontrou uma solução no brincar das crianças. Logo, o que a professora experienciou foi o início de pequenas rupturas na forma de se trabalhar a arte teatral com as crianças da educação infantil, o que desencadeou o surgimento de uma proposta pedagógica.

A proposta desenvolvida teve como inspiração quatro imagens de Dim Brinquedim: Biana na Lua (2007), Olhando as Pipas (2014), Voo (2014), Festejando a Chuva (2016) e a partir delas promover um encontro com a teatralidade.

Em uma manhã nublada de segunda-feira, como de costume, a professora encontrou as crianças no pátio da escola, e juntos seguiram para a sala de aula. Ao chegar lá, a primeira coisa que as crianças perceberam foi que a sala “delas” agora tinha um “brinquedo”. As observações foram instantâneas e logo surgiram frases como: “Tem uma assim na pracinha”; “Não, é diferente da pracinha, essa amarelinha tem imagem!”; “Ai que legal!”. Tratava-se de uma Amarelinha que estava plotada no chão da sala de aula, que em seu “corpo” tinha imagens de Dim Brinquedim (Figura 1).

e transformou seu brincar em arte. O menino que tudo observa e admira, e que persiste na alegria. As brincadeiras de sua infância, materializadas em sua produção artística, o fizeram construir um belo e apreciado trabalho. É um artista que nunca abandonou o brincar, e continua com suas “danações” de menino. Suas brincadeiras se transformaram em um grande acervo plástico que motiva seu público a preservação deste ato tão simples e tão potente na vida do ser humano



Figura 1: Crianças observando a Amarelinha
Foto: arquivo da autora (2019)

Depois de brincarem de amarelinha o grupo realizou o Jogo dos Sons⁴. Um jogo que convida as crianças a pensar o corpo como espaço imaginativo. Assim como as imagens de Dim Brinquedim, que apresentam o corpo das crianças na brincadeira, a ideia do jogo era brincar com o corpo. As crianças foram convidadas a pensar no que o corpo poderia se transformar. Por meio da proposição realizada no campo do brincar, começou a emergir a teatralidade.

Duas crianças passaram um bom tempo “sendo” robôs, com movimentos “mecanizados”, com diálogos onde mudaram o jeito e tom da voz, pois ali seus corpos eram robôs (Figura 2); uma menina que estava com um grupo brincando, gritou: “Deitem-se todos, estamos passando por um vendaval”. As crianças que estavam brincando com ela, rapidamente se abaixaram e ficaram quietas com olhos de espanto. O caminho de trabalhar a arte na educação infantil, que era tão incerto aos olhos da professora, começou a se tornar mais leve e divertido

4. Nome criado pela professora para o jogo.

a partir do momento que ela se dispôs a ir ao encontro das suas crianças, que transformaram o brincar em um lugar de experimentação artística.



Figura 2: Crianças sendo robôs
Foto: arquivo da autora (2019)

CONCLUSÃO

Um grande aprendizado foi desenvolvido durante este trajeto: a possibilidade de trabalhar a teatralidade por caminhos brincantes na educação infantil. Através do brincar, que partilha saberes e emoções, oportunizou experiências marcantes. É um campo que necessita ser mais explorado no âmbito escolar, principalmente na linguagem teatral.

A situação que se apresentou, desafiou a professora a conhecer o novo, a abrir portas que se estavam travadas com relação a arte e a educação infantil. Assim, ela entendeu que os processos relacionados à infância podem e devem ser pautados no lúdico e que o brincar merece tempo e espaço nas aulas de arte. E foi no brincar que ela encontrou um caminho para

o trabalho no campo teatral com educação infantil, em que a cultura da criança pode ser valorizada e demonstrada.

Assim, a professora advoga por uma abordagem pedagógica que leve em conta a cultura da criança, que mergulhe na sua estética pessoal e que seja construída na relação que ela estabelece com o mundo e com os outros. É preciso considerar que a criança não chega vazia na sala de aula, e que se dispor a conhecer esse mar de vivências infantis é uma escolha recompensadora. Afinal, navegar por este mar levou a professora e as crianças por águas tranquilas e mares revoltos. Sem dúvida alguma, tais experiências fizeram a professora e as crianças construírem um barco seguro para passarem por essas águas.

A arte chamou a professora a ir além, ver as cores, os traços e sentir os cheiros e os sabores do mundo, na posição de proponente ou espectadora. Desta maneira, ela compreendeu que não importa a idade, de pequenos a grandes, as experiências artísticas devem ser proporcionadas. Ainda que seja difícil, é necessário que os caminhos da educação e da arte sejam oferecidos a todas, pois o ato de educar vem para trazer transformação não só aos estudantes, mas também aos professores.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gastón. **Devaneios sobre a infância**. In: ABRAMS, Jeremiah. (Org.). O Reencontro da criança interior. São Paulo: Cultrix, 1999.

MACHADO, Marina Marcondes. Só Rodapés: Um glossário de trinta termos definidos na espiral de minha poética própria. **Revista Rascunhos - Caminhos da Pesquisa em Artes Cênicas**, v. 2, n. 1, 26 ago., 2015. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/rascunhos/article/view/28813/17060>. Acesso em: 04 de março de 2020.

MACHADO, Marina Marcondes. Fazer surgir antiestruturas: abordagem em espiral para pensar um currículo em arte. **Revista e-Curriculum**, v. 8, n.1, abril, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/9048/6646>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2020.

MARTINS, M. C. F. D. Arte, só na aula de arte? **Educação**, v. 34, n. 3, 20 out., 2011. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/9516>. Acesso em: 18 de novembro de 2019.

PIORSKI, Gandhy. **Brinquedos do Chão: a natureza, o imaginário e o brincar**. São Paulo: Peirópolis, 2016.